



Morar no exterior relato de uma imigrante

Ms. Josiane Vill - UFSC

josivill@hotmail.com

A opção de morar no exterior...

Morar no exterior nunca esteve presente nos meus objetivos de vida, nem mesmo em meus sonhos. Porém, em 2006, surgiu uma oportunidade concreta de morar em Londres (Inglaterra). Resolvi arriscar, afinal, como diz Pablo Neruda, *“morre um pouco a cada dia quem nunca arrisca algo novo ao menos uma vez”*.

Desembarquei em Londres dia 31 de julho de 2006. Buscava aprender uma segunda língua e, para isto, sabia que faria ou teria que fazer coisas diferentes que nunca tinha feito antes, principalmente com relação a trabalho.

Contarei neste texto um pouco das minhas aventuras e desventuras durante este tempo como estrangeira num país europeu.

Londres, cidade global...

A capital inglesa possui a maior população urbana da Inglaterra e do Reino Unido (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte). Londres tem uma população oficial de 7.512.400 habitantes. Sua população é uma mistura de diferentes povos, culturas e religiões. São estimados em mais de 300 os idiomas falados nesta Torre de Babel.

Eu realmente me sentia numa Torre de Babel, com os olhos e ouvidos atentos a todas essas diferenças, pessoas vindas dos mais diferentes lugares do mundo, diferentes culturas que se revelam em cada bairro, cada rua e cada esquina. Andar de ônibus e ouvir várias línguas ao longo do mesmo trajeto é algo muito comum e, nos primeiros dias, era algo que chamava muito a minha atenção. Tinha a sensação real do que é estar na esquina do mundo e, por outro lado, a noção de como o mundo é realmente pequeno.

Aos olhos de um observador distraído, tudo parece muito igual: ruas inteiras de casas com a mesma fachada. Mas uma observação mais atenta mostra uma arquitetura herdada de diferentes momentos históricos: a Londres Romana, a Londres Medieval, a Londres Elisabetana, a Londres Georgiana, a Londres Vitoriana, a Londres Moderna, etc.

Aos olhos de quem chega pela primeira vez no velho continente tudo parece ser lindo e encantador: uma cidade organizada, onde as coisas funcionam, com transporte público eficiente, segurança e policiamento presente em todos os lugares.

A Londres turística é umas das cidades mais visitadas do mundo. É linda e merece ser explorada. Porém, mergulhar na Londres “real”, ou seja, na vida cotidiana das pessoas e na rotina dos bairros foi minha primeira opção.



Westminster Palácio (Josiane Vill, Maio/2007)



London Eye (Josiane Vill, Mar/2008)

O Bairro: meu lugar em Londres...

Fui conhecer esta Londres “real” no Bairro de Harlesden, no Noroeste da cidade. Um bairro onde vivem predominantemente indianos, caribenhos – jamaicanos, principalmente - e muitos africanos. Juntam-se a esta população mais

antiga, imigrantes vindos dos mais diferentes países e uma grande quantidade de brasileiros moram nesta parte de Londres atualmente. Isso foi uma coisa que me chamou a atenção já nos primeiros dias na cidade. Os brasileiros são muito numerosos nas ruas do bairro, nas lojas e no transporte público. Normalmente escutava alguém conversando em português.

Uma amiga brasileira, que já mora em Londres há oito anos, me disse uma vez que os moradores do bairro têm uma aparência sofrida demonstrada nas suas feições muitas vezes séria e fechada ou mesmo sonolenta, adormecendo no transporte público na volta do trabalho. Harlesden é um bairro de pobres num país rico. A Londres que o turista não faz questão de conhecer ou nem sabe que existe. É a Londres indiana, negra e multicultural, com cara de sofrida e cansada, como sugeriu minha amiga.

Porém, estes pobres ricos têm acesso a bens públicos com relativa qualidade (transporte, escolas, bibliotecas, praças e áreas de lazer). E, é claro, têm acesso ao consumo de bens, afinal, vivem numa sociedade altamente consumista. Esta foi uma das questões que mais me impressionou no velho mundo. O nível de consumo aqui é algo impressionante. A quantidade de produtos disponíveis no mercado é enorme e as inovações tecnológicas estão ao alcance da maioria das pessoas. Mesmo aquele trabalhador cansado e sonolento que dorme no transporte na volta do trabalho para casa pode ter o telefone celular de última geração.

Os custos de moradia em Londres não são baixos. Geralmente nós imigrantes dividimos quartos e pagamos uma média de 50 libras por semana. Morar com pessoas diferentes numa casa foi mais uma experiência nova para mim. Tive que exercitar a convivência com o diferente, aprender a ser mais flexível, aceitar os “defeitos” do outro e, muitas vezes, fazer uma auto-análise sobre meus próprios defeitos.

A simples tarefa de ir às lojas fazer compras para a semana, no início, era quase uma tarefa ridícula, no mínimo engraçada. Devido a grande variedade de marcas, nem sempre compramos o que realmente desejávamos e o processo acaba sendo de erros e acertos até dominarmos o básico necessário para fazer uma compra sem surpresas. Não que este processo fosse longo, mas do meu ponto de vista, foi bastante engraçado e enriquecedor. Por outro lado, existe aqui no bairro - assim como em várias partes de Londres - uma explosão de lojas e restaurantes que vendem produtos brasileiros e comida brasileira. Isto facilita a vida do imigrante mais acomodado, além de possibilitar o acesso aos produtos mais característicos da nossa cozinha, especialmente lembrada quando queremos matar a saudade de casa.



High Street em Halesden (Foto Josiane Vill Jan/2008)



Restaurante Brasileiro em Halesdem (Josiane Vill Jan/2008)



A Língua falada...

Meu principal objetivo em Londres é aprender a Língua Inglesa. Comecei meus estudos num curso de quatro semanas que já havia pago. O objetivo mostrou-se menos fácil do que imaginava. Após o final deste período, pude perceber que as escolas de inglês aqui não estão muito preocupadas com a qualidade do aprendizado, mas sim mais preocupadas com seus “business”. Existe uma infinidade de escolas, com diferentes propostas e valores. Na maioria das vezes são cursos de pouca qualidade. Como não tive muito progresso no primeiro mês, resolvi bancar mais dois meses de escola, o que não me custou muito barato. Como não tinha muito dinheiro em caixa, logo tive que procurar um trabalho para poder me manter. Outra dificuldade para aprender inglês deve-se à grande quantidade de brasileiros vivendo por aqui. Você acaba se relacionando principalmente com brasileiros, retardando um pouco o seu aprendizado da língua inglesa. Na realidade, você consegue sobreviver em Londres sem falar inglês.

Trabalho...

Trabalhar e estudar não é uma tarefa muito fácil, e as prioridades vão mudando aos poucos. Depois de seis meses em Londres sem ter evoluído muito no aprendizado do inglês, resolvi ficar mais tempo na cidade, agora por minha conta e sorte, já que o visto de turista expirou neste tempo. No início de minha estada aqui não existia muita dificuldade para trabalhar. Com um telefonema e 50 libras você conseguia uma carteirinha que te permite trabalhar. Isso, há um ano atrás. Hoje, com os problemas econômicos rondando as portas da Inglaterra e com uma legislação mudando constantemente para dificultar a vida dos imigrantes ilegais, as coisas estão mais difíceis. Existe uma demanda muito grande em Londres por mão de obra não-qualificada (restaurantes, limpeza, entrega, construção civil) e devido às características dessa sociedade as vagas são preenchidas por imigrantes em situação legal e ilegal.

Percebi que as relações de poder aqui ocorrem, em primeiro lugar, com relação ao nível de proficiência no inglês. Esta observação foi feita observando a relação entre os brasileiros no local de trabalho. Brasileiros que dominam melhor o idioma, ou estejam há mais tempo por aqui, geralmente ocupam os cargos de supervisores, e nem sempre são amigáveis. Pelo contrário, se usam da posição na hierarquia para, muitas vezes, humilhar outros brasileiros. Outra situação triste que tive conhecimento foi o caso de brasileiros com documentos europeus (principalmente italiano) que acham que são melhores do que o imigrante sem

documentação. Ocorrem inclusive casos de denúncia ao Home Office (órgão da imigração), brasileiros legalizados denunciam brasileiros em situação ilegal. Inclusive é muito comum entre os brasileiros a máxima de que brasileiro não deve confiar em brasileiro.

Voltando pra casa...

Agora, depois de um ano e oito meses nesta aventura, a saudade está apertando e a volta ao Brasil não vai tardar. Fico por aqui até setembro. Junto comigo vou levar na bagagem muitas histórias, aprendizado, amizades conquistadas e uma experiência de vida que me fez crescer. Quando voltar, sei que não volto para o mesmo lugar, pois vou olhar os mesmos lugares (meu Brasil, meu estado, minha cidade, meu bairro) com outro olhar. Aprendi muito em relação ao mundo. Esta aldeia global que cada vez está mais complicada, com seus tantos problemas que nos fazem crer que existem. E assim, fico imaginado como seria bom um mundo sem fronteiras onde as pessoas pudessem ir e vir, ficar e voltar quando bem quisessem... Uma utopia, pois as fronteiras da Europa estão cada vez mais fechadas para os países em desenvolvimento ou países pobres. Ou seja, o mundo "rico" está sim num processo de fechamento, cada vez dificultando mais o movimento das pessoas.

Este é um dos muitos e possíveis pontos de vista. Pude olhar, ver e sentir de perto e de dentro uma Londres cheia de fronteiras. Vivi as fronteiras da língua, da raça, das etnias, do dinheiro... Fronteiras que extrapolam as geopolíticas, ainda que estas sejam cada vez mais fechadas.

Josiane Vill é Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina em Conservação dos Recursos Naturais. Enquanto aluna de Mestrado no ano de 2006 participou do processo de organização da Revista Discente Expressões Geográficas.